



## **Práticas orgânicas de agricultores familiares de cooperativas da região da rodovia Transamazônica, Sudoeste do Pará**

*Organic practices of family farmers of cooperatives in the region of the Transamazônica highway, Sudoeste do Pará*

ROCHA, <sup>1</sup>Carla Giovana Souza; SOARES, <sup>2</sup>Tayse Rocha de Carvalho

<sup>1</sup> Docente da Universidade Federal do Pará, crocha@ufpa.br; <sup>1</sup>Discente da Universidade Federal do Pará, taysesoares57@gmail.com

**Resumo:** Na região da Transamazônica no Pará está em expansão o uso de tecnologias dependentes de agroquímicos, mas o mesmo ocorre com a produção orgânica. discutir as dificuldades encontradas por agricultores familiares associados às cooperativas de produtos orgânicos para adoção das práticas orgânicas. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com seis famílias vinculadas às cooperativas. Dentre as principais mudanças nas práticas dos agricultores, estão: melhoria da qualidade do produto; novas práticas de colheita, secagem e fermentação do cacau; controle de insetos e doenças por meio da fabricação de biopeixe e o chá de folha seca de neen (*Azadiractha indica*) usados para afugentar os insetos. Usam a calda bordalesa como adubação e proteção contra fungos, insetos, e a calda biológica para controle do percevejo *Monalonion* sp. Para consolidação da experiência ainda precisa investir na formação política e organizacional dos cooperados.

**Palavras-chave:** Certificação; Cacau orgânico; Amazônia.

**Keywords:** Certification; Organic cocoa; Amazon.

### **Introdução**

Na região conhecida por Transamazônica, no Sudoeste do Pará, a presença predominante da agricultura familiar sob diversas formas de co-produção em diferentes ambientes naturais, levaram à construção da diversidade social e de sistemas técnicos e produtivos, com utilização predominante da força de trabalho familiar, produção diversificada para o consumo familiar e para o mercado, em diferentes níveis de mercantilização, e predominância do sistema de corte e queima como técnica de renovação da fertilidade do meio.

Nos últimos anos, várias famílias estão se inserindo como produção orgânica e acessando mercados por meio de certificação. Uma das iniciativas iniciou em 2005, com a criação do Programa Cacau Orgânico implantado na região através do Programa de Consolidação da Produção Familiar Rural e Melhoria da Renda, desenvolvido pela Fundação Viver Produzir e Preservar (FVPP) e organizações filiadas. A produção de amêndoa de cacau beneficiada passa a ser identificada como produção orgânica dado ao não uso de agroquímicos industrializados. No programa é implementada a certificação orgânica coletiva pelo Instituto de Mercado Ecológico (IMO), com o apoio do Serviço Alemão de Cooperação Técnica e Social (DED), da Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira (CEPLAC), da Secretaria de Agricultura do Estado do Pará (SAGRI), do Ministério de



Desenvolvimento Agrário (MDA) e do Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (BARTH, 2011).

A partir deste programa foram criadas seis cooperativas de produtos orgânicos para a produção e comercialização da amêndoa de cacau orgânico para o mercado nacional e internacional, evitando o canal dos atravessadores e melhorando o valor pago para o agricultor (ZAMORIM, 2017). Em 2015, a produção orgânica de cacau na região da Transamazônica foi comercializada pelas seis cooperativas, com a produção total de 933 toneladas de amêndoas, com 125 cooperados (CEPLAC, 2015, apud ZAMORIN, 2017). Em 2017 foram comercializadas 146 toneladas de cacau orgânico. Em 2018, quatro cooperativas estão atuantes nos municípios de Brasil Novo, Medicilândia, Uruará e Pacajá, com 105 cooperados.

O produto principal das cooperativas é a amêndoa de cacau, e esta é comercializada com o mercado europeu e o mercado nacional das fábricas de chocolate e cosméticos (CRUZ; ROCHA, 2019). As amêndoas que não atendem os requisitos de qualidade são comercializadas no mercado local via atravessadores ou pela própria cooperativa. Os agricultores que buscaram a certificação orgânica, além da confirmação ou reconhecimento das práticas que já realizavam, queriam alcançar a inserção em um novo mercado, e dessa forma, diferenciar seus produtos daqueles comercializados nos mercados convencionais, obtendo o incremento no valor agregado. O mercado acessado pelas cooperativas é o do tipo orgânico e de alta qualidade, padronizado e instável por ser uma *commodity* e estar envolvido em sistemas agroalimentares de característica oligopólica.

Como assinalam Cruz e Rocha (2019, p.10), o modelo de convencionalização adotado pelas cooperativas é baseado em cadeias longas de comercialização e certificação via empresa de auditoria. Como indicam Abreu et al. (2015), a Agricultura Orgânica e a Agroecologia "surgem de paradigmas de origem diferentes ligados às ciências que lhe deram origem" (Solos e Ecologia, respectivamente), e de princípios e conceitos de referência próprios, dentre eles a perspectiva da Agroecologia é "de mudança pela inserção da ideia de autonomia e de participação relacionada aos mercados" (CRUZ; ROCHA, 2019, p. 11).

Entretanto, existem importantes aprendizados a serem apresentados, dentre eles, as práticas produtivas adotadas pelas famílias inseridas no programa. Assim, o objetivo deste artigo é discutir as dificuldades encontradas por agricultores familiares associados às cooperativas de produtos orgânicos para adoção das práticas orgânicas.

## **Metodologia**

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, com pesquisa de campo realizada em 2018, por meio de entrevistas semiestruturadas a seis agricultores cooperados a COPOPS (Cooperativa de Produtos Orgânicos de Perpetuo Socorro) do município de Uruará e COPOAM (Cooperativa de Agricultores Orgânicos da Amazônia) de Medicilândia. A sistematização dos dados foi em planilha Excel.



As famílias entrevistadas são compostas de três a seis membros e chegaram em sua propriedade atual entre os anos de 1975 e 2008. As áreas dos estabelecimentos agrícolas estão entre 12 e 118 hectares e as áreas de cacau entre seis e dezoito hectares. A agricultura familiar apresenta diversas especificidades, dentre elas, ter na família a centralidade para a organização e funcionamento dos seus sistemas. Todos os entrevistados comercializam amêndoas de cacau, e dois agricultores comercializam polpas, um comercializa porcos, bezerros e galinhas e um comercializa peixes. Além disso, dois agricultores desenvolvem outras atividades, sendo um pedreiro e o outro vereador. O único benefício social que as famílias têm acesso é a aposentadoria.

## **Resultados e discussão**

Conforme Wilkinson (2008), existem diversos tipos de mercados acessados pela agricultura familiar, dentre eles, o de *commodity* que funciona a partir de "velhos e novos mercados locais e à distância", em que os desafios são: a imposição de padronização, atender legislações específicas dos estados ou países, atendimento à qualidade mínima e a produção em escala. No caso dos produtores orgânicos, eles precisam atender as diferentes normas e padronização que a empresa certificadora e as empresas compradoras requerem, incluindo as específicas do mercado de orgânicos. Assim, cada empresa compradora, nacional ou internacional, pode acrescentar critérios específicos como a identificação da origem, rastreamento por código de barras e geográfico, e muitos outros. Temos neste processo, a imposição de diversas alterações nas práticas dos produtores familiares e diferenciação nas relações comerciais.

No caso dos cooperados de cacau orgânico da Transamazônica, a inserção foi em um mercado que exige alta qualidade na produção da amêndoa. Como explica Zamorim (2017):

O cacau é uma commodity que não se enquadraria no mercado alternativo, contudo, quando cultivado na Transamazônica, assume características locais, diferenciando a produção local das demais regiões, fato evidenciado com a certificação orgânica. O agricultor da Transamazônica passa a ingressar o mercado de produção orgânica e da amêndoa de alta qualidade, que requer um processamento mais criterioso para adequar-se a amêndoa Tipo 1 e à certificação, desse modo, tendo que incorporar novas exigências ditadas pelo novo mercado.

Ao serem questionados sobre o que entendem por produção orgânica, os entrevistados citaram que é produzir sem uso de agrotóxicos e adubos químicos, sendo que um acrescentou que "é produzir com um tripé: economicamente viável, ecologicamente correto e socialmente justo". Já outro especificou que é "um produto sem adubo químico, sem veneno, ajuda na preservação da natureza, do meio ambiente, destino correto do lixo e de mercado justo". Assim, verifica-se forte ênfase na forma de produzir sem uso de agroquímicos. Já a perspectiva agroecológica amplia o foco para aspectos socioambientais, organizacionais e políticos que muitas vezes a produção orgânica negligencia, ou seja, a transição para um sistema



agroecológico implica em implementar outras possibilidades de comercialização e de produção que ampliem a autonomia das famílias.

Quanto à questão sobre o que levou a família a trabalhar com orgânicos, a maioria relacionou à proteção da saúde e por não gostarem de usar agrotóxicos, sendo que três também indicaram o melhor preço para o cacau, outros três responderam que foi devido à influência de outras pessoas, e dois enfatizaram a busca pela melhor qualidade do produto.

As principais dificuldades mencionadas pelos entrevistados para manterem o sistema orgânico foram: demora no pagamento da produção comercializada; não poder usar adubo químico para aumentar a produtividade; incidência de insetos e de mato não desejáveis. Dois disseram que não tiveram dificuldades, pois já produziam de maneira natural. Um dos agricultores respondeu: "o preço é melhor, porém, a produção vem caindo por não poder usar adubo químico, então não melhorou financeiramente". Ou seja, ainda há lacunas em relação ao manejo do solo em sua abordagem ecológica.

Já no que diz respeito aos aspectos ecológicos, quatro entrevistados responderam que só tiveram melhorias após inserção no programa, e apenas um deles disse que melhorou a qualidade do ar, da água e diminuiu os insetos, por conta da destinação correta do lixo. Um entrevistado não percebeu mudanças e o outro avaliou de maneira negativa, disse que aumentou o mato e os insetos, por isso, teve que gastar mais dinheiro.

Dentre as principais mudanças nas práticas percebidas pelos agricultores estão a melhoria da qualidade do produto e as mudanças ocasionadas pelos novos parceiros comerciais, também apresentaram que na produção mudou principalmente as práticas de separação dos frutos na colheita, na secagem e fermentação das amêndoas.

Os adubos orgânicos utilizados pelos agricultores são a biocalda, farinha de osso, composto de esterco, madeira em decomposição, calcário e uma outra calda que é utilizada juntamente com o chá de Neen indiano (*Azadiractha indica*). O uso de outros adubos deve ser aprovada pela certificadora, e geralmente são produzidos fora da região, dificultando o acesso pelas famílias devido ao alto custo. A dificuldade de manter a produtividade das lavouras tem levado a que famílias utilizem adubação química industrial, e com isto são afastadas da cooperativa, o que reforça a busca de alternativas orgânicas acessíveis para o uso mais imediato nas parcelas de cultivos.

Os agricultores utilizaram técnicas inovadoras para o controle de insetos e doenças, mas nenhum deles usa essas receitas de maneira contínua em suas lavouras e alegam a falta de mão de obra suficiente. Dos seis, quatro agricultores entrevistados citaram fazer uso esporádico de algumas receitas, sendo elas: biopeixe feito com resíduos de peixe para afugentar os insetos; calda bordalesa para proteger as plantas contra fungos, insetos e como micronutrientes; chá de folha seca de neen



indiano (*Azadiractha indica*) para controle de insetos; e calda biológica para controle do percevejo *Monalonion* sp.

A bio calda é um fertilizante aplicado tanto nas folhas quanto no solo, os ingredientes e materiais necessários para prepará-la são o esterco verde de bovinos, açúcar ou melado, pó de rocha, micronutrientes para uso foliar e micro-organismos para aceleração da decomposição. Para a calda biológica são usados açúcar, frutas, caldo de cana, urina de gado, esterco e sangue puro de gado. A calda biológica também é feita com restos vegetais como frutas (banana e mamão), esterco bovino fresco, folhas de neen secas e moídas, farinha de osso, cinza, urina de bovinos, caldo de cana, sobras de pão e água.

Produzir organicamente por si só não assegura a reprodução social da agricultura familiar e a permanência das famílias no campo com qualidade de vida. Outros aspectos importantes estão interligados à produção orgânica, sendo enfatizado seis desses pelos próprios entrevistados: assistência à saúde, assistência técnica, escola para os filhos, estrutura de estradas, energia elétrica e crédito. Também foi citada a falta de condição financeira para investimento, pois são relatados problemas como a baixa disponibilidade de mão de obra e infraestrutura deficiente nos estabelecimentos agrícolas. Vê-se o quanto as políticas públicas para fortalecimento da produção orgânica e a agroecologia são essenciais para que experiências como essa sejam ampliadas para aspectos ecológicos e da autonomia social na produção.

## Conclusão

Apesar dos agricultores terem experimentado diversas técnicas alternativas de controle de insetos e doenças, e de nutrição vegetal, os mesmos não estão satisfeitos e ressentem da falta de conhecimento de novas técnicas. Também foram apontados problemas como a falta de mão de obra e descontentamento relacionado à comercialização via cooperativa, vistos como problemas para o fortalecimento da agricultura orgânica. A partir dessas visões se constata que a formação política-organizacional deve ser reforçada, pois, o aspecto econômico está sendo utilizado acima das perspectivas sociais e ambientais. Assim como, o reforço da organização social visa o enfrentamento político para implementação de políticas públicas para construção de uma agricultura familiar agroecológica que prime pela autonomia das famílias.

## Referências

ABREU, L. S., et al. (2015). **Controvérsias e relações entre agricultura orgânica e agroecologia**. In: Brandenburg, A., Billaud, J. P. (orgs.). Redes de agroecologia: experiências no Brasil e na França. Curitiba: Kairós Edições. 171-198p.

BARTH, S. **Produção, certificação e comercialização de cacau orgânico no estado do Pará**. Goethe-Institut Salvador-Bahia. Simpósio Internacional “Cacau e Sustentabilidade no Sul da Bahia”. 2011. 7p.

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.

**XI CBA**  
**Congresso**  
**Brasileiro de**  
**Agroecologia**  
Ecologia de Saberes:  
Ciência, Cultura e Arte na  
Democratização dos  
Sistemas Agroalimentares



CRUZ, B. G. A.; ROCHA, C.G.S. Mudanças nas práticas de agricultores de cacau orgânico certificado no Sudoeste paraense, Amazônia Oriental. **Research, Society and Development**. 2019; 8(6)

ZAMORIM, B. **Amêndoa de cacau de alta qualidade na Transamazônica: as práticas dos agricultores familiares em função das exigências do mercado**. 2017. 147f. Dissertação (Agricultura familiar e desenvolvimento sustentável), Núcleo de Ciências Agrárias e Desenvolvimento Rural/UFGA, Programa de Pós-Graduação em Agricultras Amazônicas, Belém.